

## Minha formação docente em diálogo com o Grupo ALEPH

*Vera Lucia Silveira Leite Campos<sup>118</sup>*

Faço parte da história do Grupo e da revista ALEPH. Vivi uma experiência múltipla, bem antes da criação da Revista Aleph (ano de 2002), numa relação de admiração respeitosa com a profissional coordenadora, professora Célia Linhares, bem como com todos os amigos que conheci nesta caminhada. Foram pessoas muito especiais...

Estar presente nas reuniões fazia mover-me, desejar aperfeiçoamento nas inquietudes da docência, tanto na educação básica, como na formação de docente. Instigantes questões trazidas ao grupo me provocavam o caminhar em busca do aprofundamento teórico, mas também mobilizavam as relações afetivas presentes na sensibilidade poética de grandes artistas, que me foram apresentados na convivência com o grupo, tais como Manoel de Barros, Quintana, Patativa do Assaré, Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, Portinari...

Estar como ouvinte nas reuniões significou alimento para sonhar novas experiências, arriscar práticas que buscassem a formação docente qualificada, ser uma militante em defesa da escola pública, reconhecer no cotidiano da escola muitas experiências que estão silenciadas nas paredes das salas de aula.

Comecei minha trajetória no grupo batendo à porta da Professora Célia Linhares para ser aluna ouvinte em 1998. Com seu olhar cativante, humanizado e sensível, acolheu-me a mestra. Toda semana atravessava a Baía de Guanabara rumo à Universidade Federal Fluminense e fui permanecendo como ouvinte. Neste período vivi experiências instigantes ao ouvir a Mestre Célia Linhares nas suas predileções filosóficas ou políticas.

---

<sup>118</sup> Mestre. Docente da FEBF/UERJ- Docência na Escola Básica e Especialista da Educação, SE da Escola Municipal Roraima. e-mail vlrusso@uol.com.br

Tais predileções eram fascinante por organizar tantas leituras numa exposição argumentativa, mobilizadora, poética, entrelaçada pelo silêncio de todos, um silêncio reflexivo por segundos, sucedido por questionamentos desveladores da forma de se fazer política no Brasil, da denúncia do silenciamento das minorias, do resgate das memórias dos docentes, das instituições com coletivos transformadores, das vozes silenciadas... Sua voz me abastecia de energia para olhar as escolas em que trabalhava com outras potencialidades, ser um sujeito potencializador de processos mais humanizadores na socialização de nossas infância e juventude, sem perder a dimensão política.

Uma experiência única, marcante, coletiva e muito significativa aconteceu no Seminário de Pesquisa, onde três docentes (Waldeck, Iduína e Célia Linhares) compartilhavam espaço com os estudantes. O semestre pareceu-me ser a concretização de muitas leituras sobre o trabalho coletivo, integrado e cooperativo. Eu, ouvinte, me sentia encantada com a presença de doutores desprovidos de formalidades, vaidades, mas integrados por um planejamento como uma sinfonia harmônica!

Vivi momentos de formação muito intensos ao aproximar-me dos teóricos dialogando com o olhar de Célia Linhares. Trabalhamos com Benjamin, Deleuse, Maturana, Borges, Varela, Arendt, Foucault... Uma formação que, na época considerei “clandestina”. Estava à margem da legalidade, mas persistente, obtive autorização para me manter assistindo às aulas sem laços formais com o programa.

Naqueles encontros entrelacei minha experiência como professora na periferia do Rio de Janeiro aos autores e às narrativas do coletivo do grupo, tão potentes e reveladoras devido aos estudos sobre os projetos instituintes: a Escola Cabana, no Maranhão, e a Escola Plural, em Belo Horizonte. Estas experiências possibilitaram que eu me empoderasse e passaram a constituir minha ação educadora. Posso afirmar que desses encontros foram gerados alguns projetos na formação docente, com a qual ainda trabalho, de inclusão cultural de jovens e adultos.